



## **Encontros de Comunicação Comunitária do LECC: comunicação, cidadania e seus Ecos na UFRJ<sup>1</sup>**

Coletivo Pensante e Atuante do Leccturas: Pablo Laignier<sup>2</sup>, Marcello M. Gabbay<sup>3</sup>, João Paulo C. Malerba<sup>4</sup>, Patrícia G. Saldanha<sup>5</sup>.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Resumo**

Este trabalho, pensado e escrito de forma coletiva, apresenta um panorama das experiências vivenciadas nos três Encontros de Comunicação Comunitária realizados pelo Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC/UFRJ), fundado há onze anos pela pesquisadora e professora Raquel Paiva. A partir destas experiências, o trabalho articula uma breve discussão sobre a relação entre comunicação, cultura e cidadania no Rio de Janeiro contemporâneo, a partir dos textos estudados pelo Coletivo Pensante e Atuante do LECCturas, desde 2007.

### **Palavras-chave**

Comunicação comunitária; Cultura; Contra-hegemonia; LECC/UFRJ.

### **I - LECC: uma instância contra-hegemônica na academia brasileira**

Teoricamente, um dos princípios da escola da contemporaneidade é abrigar uma coletividade em prol da educação, garantindo, conseqüentemente, a estrutura do grupo capaz de compartilhar o bem comum: a Comunidade.

Nesse sentido, as três instituições estruturantes capazes de garantir solidez para a base da sociedade ocidental (*Gesellschaft*) foram: o Estado, a Igreja e a Família. As três instituições tiveram papel fundamental para o estabelecimento de regras capazes de sedimentar o *ethos* de uma Comunidade a partir da construção das normas que deveriam ser seguidas pelo grupo. Pode-se dizer que somada às mesmas, a mídia vem exercendo o papel de formadora de opinião e de criadora da vinculação social que compõe o “nexo atrativo” necessário para concretizar o ato comunicativo entre, no mínimo, dois campos conectados. Sendo que o grande diferencial entre as três instituições anteriores e a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Doutorando do PPGCOM da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e pesquisador do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC/UFRJ) da mesma instituição. Contato: [pablolaignier@yahoo.com](mailto:pablolaignier@yahoo.com).

<sup>3</sup> Doutorando do PPGCOM da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) e pesquisador do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC/UFRJ) da mesma instituição. Contato: [marcellogabbay@uol.com.br](mailto:marcellogabbay@uol.com.br).

<sup>4</sup> Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e pesquisador do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC/UFRJ) da mesma instituição. Contato: [joaopaulorj@yahoo.com.br](mailto:joaopaulorj@yahoo.com.br).

<sup>5</sup> Doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Adjunto da UFF e pesquisadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC/UFRJ) da mesma instituição. Contato: [patsaldanha@globocom.com](mailto:patsaldanha@globocom.com).



mídia, é que esta última, tem a força totalitária que suga o sujeito para a lógica do consumismo que é a lógica mercantilista, que, por sua vez a sustenta como dispositivo.

Para retomar as idéias de Jean-Jacques Rousseau, no que se refere às estratégias de dominação utilizadas na civilização, todas as instituições, incluindo a mídia, usaram estratégias metodológicas diferenciadas, mas movidas para o alcance do mesmo objetivo: a dominação. As três primeiras instituições, mesmo com as mudanças ocorridas ao longo do tempo histórico, por meio da coerção e a mídia, pelo domínio ideológico.

Nesse cenário, qual seria a verdadeira alternativa libertadora capaz de dar ao sujeito social a possibilidade de criar com autonomia suas próprias referências? Mais uma vez: a educação. Qual seria, então, o papel das instituições representativas e viabilizadoras da educação? O que representaria um instrumento de resistência, realmente, sólido para um pensamento libertário, capaz de resgatar, o sentimento comunitário?

No contexto da globalização, as instituições modernas sofrem transformações por ações específicas originárias do mercado. Assim, a universidade enfrenta um momento de crise do saber e de definição do papel institucional hoje: servir à Sociedade, nas diferentes instâncias desse tipo de atuação preconizada na forma moderna, ou estar sujeita meramente às forças de mercado. Reflexo disso é a pressão para que a fonte mantenedora das universidades deixe a mão estatal e passe à iniciativa privada e mesmo às políticas federais para que avaliem o ensino e a pesquisa superior sob a ótica da produção. Se a missão antiga da universidade moderna era formar sujeitos para o Estado-Nação, formá-los e os capacitar para o serviço à Sociedade, os novos tempos parecem indicar que a missão está em mutação para uma formação acadêmica voltada aos interesses de mercado. Fica a pergunta: seria, então, o fim da universidade, como centro de reflexão e ação social ou seria a hora dos próprios representantes da universidade buscarem uma proposta séria de mudança?

Num mundo comandado pelas dinâmicas da Comunicação, dever-se-ia pensar na importância dos cursos superiores de Comunicação Social na formação de material humano, capacitado para integrar o corpo de trabalho dos jornais, da televisão, do rádio, da internet. No entanto, seguindo um paradoxo, o que se vê é o esvaziamento do papel das Escolas de Comunicação.

É dentro desse campo de busca pela não-submersão total na lógica de mercado e pelas novas possibilidades de inserção social da universidade que é apresentado o



Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da Escola de Comunicação da UFRJ, o LECC. A idéia de formar um núcleo de estudos sobre Comunicação Comunitária se justifica a partir da necessidade de acompanhar a demanda acadêmica em investigar com profundidade os novos fenômenos no campo midiático gerado pela globalização. Para tanto, o LECC vem, desde 2004, organizando um encontro bienal que tem por objetivo colaborar com um cenário socialmente mais justo para promover uma discussão entre a academia, os movimentos sociais, os representantes das ONGs e de mercado e os cidadãos da sociedade que assumem uma postura participativa e se posicionam de forma crítica tanto às políticas assistencialistas estatais, como ao tratamento homogeneizante da lógica mercadológica dos sistemas de patrocínio privados. O que se segue é o registro documental desta trajetória reflexiva, com intuito de proporcionar um memorial crítico que possa contribuir com o delineamento da Comunicação Comunitária no Rio de Janeiro, como prática e como ciência.

## **II - Primeiro Encontro de Comunicação Comunitária: uma nova estratégia do Social.**

O I Encontro de Comunicação Comunitária do Rio de Janeiro decorreu da parceria entre o CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré), o LECC (Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da UFRJ) e o Observatório Social de Favelas aconteceu nos dias 19 e 20 de setembro de 2004.

O primeiro dia contou com a presença dos ícones da academia, dos movimentos sociais e da mídia hegemônica. O mais importante na época era estabelecer um contato entre alguns os pesquisadores de Comunicação Comunitária (incluindo estudantes de graduação, de pós-graduação e professores), representantes dos movimentos sociais e de mercado numa escola de Comunicação Social, ou seja, articular diversos atores sociais para pensar formas alternativas de intervenção social. A definição do local para as discussões acadêmicas serviu de referência para os encontros futuros: a UFRJ, campus Praia Vermelha. O segundo dia seria destinado à realização de atividades práticas capazes de dar sentido ao debate do primeiro dia do Encontro. Por isso, o dia 20 de setembro de 2004 ocorreu na Casa de Cultura da Maré/CEASM.<sup>6</sup> E contou com a presença dos palestrantes do dia 19, dos organizadores do encontro e dos moradores do bairro Maré.

---

<sup>6</sup> Av. Guilherme Maxwell, no26 – Maré.



O primeiro dia de encontro contaria com a presença do então Reitor da UFRJ, Prof. Dr. Aloísio Teixeira que, por um contratempo, não pode comparecer. Por isso, o discurso de abertura do encontro foi feito pelo Professor Muniz Sodré que, em sua fala, inaugurava a filosofia de base que sustenta até hoje os fundamentos que mantêm vivo o nosso Laboratório<sup>7</sup> com as propostas práticas de:

- (1) Estudar textos essenciais sobre mídia, mediações socioculturais, princípios da sociabilidade no mundo ocidental e em outras formações civilizatórias.
- (2) Pesquisar a diversidade cultural e comunicacional, entendida como outra possibilidade de realizar a troca e a interação social, em busca de formas de autonomia social (desenvolvimento sustentável) e de novos padrões de sociabilidade (capital social).
- (3) Incrementar as pesquisas em comunicação comunitária tanto em nível de Graduação quanto na Pós-Graduação.
- (4) Dar continuidade a programas de formação prática de repórteres e radialistas vinculados a rádios comunitárias.<sup>8</sup>

Para surpresa de todos, uma temática considerada de “5a. categoria” lotou o auditório durante todo o evento, em ambos os dias. Esse fato já demonstrava que a Comunicação Comunitária tinha uma importância para os pesquisadores que se interessavam pela temática, independentemente da classificação que lhe era dada pelos “donos” do campo comunicacional e que, em virtude disso, precisaria aprofundar suas investigações. Mais do que isso, tornou-se nítido que havia algo mais no subcampo que refletia e inaugurava um outro caminho para a Comunicação Social, pois tinha como aliados os próprios membros da Sociedade Civil.

Apesar da falta de estrutura para a efetivação do Encontro e da verba quase nula, o que moveu a realização do evento e resultou num momento marcante para o fortalecimento político da Comunicação Comunitária foi o empenho das pessoas que trabalharam voluntariamente naquela empreitada para que tudo desse certo. E deu!

A primeira mesa foi intitulada com a própria temática do Evento: Comunicação Comunitária: uma nova estratégia do social. A Mesa ocupou a parte da manhã e contou com a participação do Prof. Dr. Muniz Sodré<sup>9</sup> (na época Coordenador da Pós-Graduação do Curso de Comunicação da UFRJ), da Profa. Dra. Raquel Paiva (na época professora do Curso de Pós Graduação e fundadora do LECC) e do Prof. Dr. Jaílson de

<sup>7</sup> <http://leccufrj.wordpress.com/about/>.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Atualmente, Muniz Sodré é o Presidente da Fundação Biblioteca Nacional.



Souza<sup>10</sup> (na época, Diretor do CEASM e Coordenador do Observatório Social de Favelas).

Naquela época, a discussão sobre um objeto para consolidação da autonomia do campo comunicacional ainda tinha muito destaque nos Congressos e Grupos de discussão. Daí a grande importância do debate da primeira mesa ressaltou a importância de pensar a Comunicação Comunitária como parte fundamental para a legitimação da *“pesquisa da comunicação articulada aos modos de comunidade e de solidariedade que não se acham inteiramente abrangidos pelo que contemporaneamente se entende como sociedade.”*<sup>11</sup>

O segundo momento importante da parte da manhã foi a participação dos alunos de comunicação de diversas Universidades públicas e privadas que ainda apostavam na disciplina e ainda mantinham um espaço de destaque para a mesma, já que havia um movimento que objetivava retirar a disciplina do currículo e não deixá-la nem como disciplina alternativa, optativa ou eletiva. Os alunos tiveram a oportunidade de demonstrar sua indignação e destacaram o fato da disciplina não ter nenhum, ou quase nenhum enfoque para a área de Publicidade. Ressaltaram ainda o fato de algumas Universidades manterem a disciplina como Imprensa Comunitária, retirando assim a possibilidade de participação de outras segmentações da Comunicação que carrega o Social como sobrenome. Os alunos questionaram a mesa e o debate foi longo e já deu abertura para a segunda parte do encontro que seria vespertino.

Na parte da tarde a temática foi: Uma outra ordem na comunicação é possível? A versão vespertina contou com a presença de Prof. Dr. Adair Rocha<sup>12</sup> (na época, coordenador do Núcleo de Comunicação Comunitária da PUC) para a abertura da Mesa. A mesa central foi composta pelo jornalista investigativo Chico Otávio<sup>13</sup> (que enviou um assistente, na época), por Itamar Silva<sup>14</sup> e por Gustavo Gindre<sup>15</sup>.

Num primeiro momento, os quatro participantes fizeram, respectivamente, uma exposição de suas jornadas no mercado, no movimento social e no campo teórico-reflexivo da academia. Logo depois, o espaço foi aberto aos estudantes, para que fizessem suas perguntas e colocações. A partir daí a discussão se desenvolveu de forma mais acalorada, contrapondo a forma como o principalmente para o Jornalista do Jornal

<sup>10</sup> Atualmente, Professor da Faculdade de Educação da UFF.

<sup>11</sup> <http://leccufij.wordpress.com/about/>

<sup>12</sup> Atualmente é representante do Ministério da Cultura.

<sup>13</sup> Cinco prêmios Esso e Redator do Jornal “O Globo”.

<sup>14</sup> Jornalista e representante do Grupo ECO no morro Santa Marta.

<sup>15</sup> Representante da Associação Mundial de Radiodifusão Comunitária.



o Globo que, por sua vez, propôs um aumento de diálogo entre o Mercado e as lideranças dos movimentos sociais.

No segundo dia do evento foi realizado um fórum estratégico de Construção de uma nova ordem de comunicação no cenário carioca, uma vez que se tratou do I Encontro de Comunicação Comunitária do Rio de Janeiro. Assim, alguns dos objetivos traçados no Encontro foram:

- (1) Refletir sobre a natureza do trabalho de comunicação comunitária em espaços populares e projetos outros que atuem na construção de uma nova ordem comunicativa na sociedade.
- (2) Montar um painel dessas experiências hoje.
- (3) Discutir a representação que mídia constrói sobre os espaços populares.
- (4) Servir de base para sistematização das iniciativas de comunicação alternativa tentando articular em rede os atores envolvidos.
- (5) Reunir os mais diversos grupos que atuam com modelos alternativos de comunicação social para a elaboração de uma estratégia conjunta de ação e na criação grupo capaz de gerir de forma organizada a construção de nova ordem de comunicação no país.
- (6) Permitir troca de experiência entre diferentes atores que atuam no campo da comunicação popular.
- (7) Propiciar um intercâmbio entre teóricos da comunicação e grupos que atuam na prática com comunicação comunitária.<sup>16</sup>

O I Encontro de Comunicação Comunitária do LECC foi o estopim para a realização de um projeto prático-teórico marcante na trajetória deste grupo: a Escola Popular de Comunicação Crítica (Espocc), formada em 2005 numa parceria entre Observatório de Favelas, UFRJ (por meio do LECC), UFF, Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro, o grupo Afro-Reggae, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, Associação Brasileira de Produtores de Vídeo e o Canal Futura. A Escola voltada-se à formação de repórteres populares no Rio de Janeiro, e mantinha sede na Maré. Em 2006, a Espocc formou a primeira turma de alunos especializados em vídeo, fotografia, mídia impressa e radiodifusão comunitária.

### **III – Segundo Encontro de Comunidade e Mídia: os fenômenos da Comunicação mobilizando imaginário, sensibilidade e ação política.**

O II Encontro de Comunicação Comunitária do Rio de Janeiro aconteceu no dia 21 de novembro de 2006. Os debates e palestras ocorreram no auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, no campus da Praia Vermelha, local que abriga o próprio

<sup>16</sup> <http://www.aditepp.org.br/agenda/vis.asp?Cod=36>



Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O evento veio colocar em contato direto e em debate público uma série de pesquisadores, professores, estudantes, representantes de empresas e ativistas de movimentos sociais ligados a Comunicação Comunitária. Podemos dizer que, até certo ponto, um encontro como esse surge em resposta à necessidade decorrente da própria intensificação da produção e reflexão local acerca das questões caras à comunicação engajada, popular e/ou alternativa. Tal intensificação, é preciso que se diga, tem extrapolado os limites da Comunicação Comunitária e terminando por influenciar os demais setores da sociedade de forma cada vez mais significativa. Com a presença maciça das manifestações midiáticas oriundas das classes subalternas e o conseqüente crescimento de sua importância política no cenário comunicacional brasileiro, é possível notar uma sensível mudança no imaginário social – e no acadêmico em particular – que passa a ser agenciado também e mais efetivamente pelas pautas comunitárias. O próprio mote do II Encontro indica tal premência: “Comunidade e mídia: os novos fenômenos da comunicação mobilizando imaginário, sensibilidade e ação política”.

Como protagonista atento a essa nova feição da teia midiática e social, o LECC convocou seus pesquisadores e atores da sociedade civil a discutir como as manifestações comunitárias podem culminar em (e até que ponto elas mesmas são) ações políticas geradoras de uma nova ordem social, capaz de incluir as demandas e visões de parcelas da população historicamente excluídas dos acordos sociais coletivos.

Além da academia – representada por nomes como Muniz Sodré (UFRJ/Biblioteca Nacional), Raquel Paiva (UFRJ), Adílson Cabral (UFF) e Paulo Vaz (UFRJ) – o evento contou com a presença de diversas figuras proeminentes da sociedade civil – como Graça Rocha, então coordenadora da Federação das Associações das Rádios Comunitárias (FARC-RJ), Jaílson de Souza, coordenador do Observatório de Favelas, Dyonne Boy, do Grupo Cultural Jongu da Serrinha. O evento, na verdade, refletiu uma simbiose entre teoria e prática que tem caracterizado e legitimado os estudos da área e já foi aventada por importantes autores da área:

(...) talvez o campo teórico da Comunicação Comunitária tenha podido se consolidar como dos mais férteis exatamente porque a troca, o efetivo intercâmbio entre os gestores das atividades dos veículos e aqueles que manejam como ofício a reflexão, esteja sempre em estado florescente (PAIVA, 2007, p. 146).

Não obstante, muitas vezes são os próprios ativistas comunitários que já realizam a reflexão a partir da própria letra do produto midiático, antecipando “aqueles



que manejam como ofício a reflexão”. É o caso da *rapper* Janaína Oliveira ou, como prefere ser chamada, Re.fem (abreviação para Revolta Feminina), que foi convidada a abrir o II Encontro de Comunicação Comunitária do Rio de Janeiro, talvez para dar o tom multitemático e plurifacetário do evento. A cantora realizou um vídeo, apresentado no Encontro, em que critica o machismo do mundo hip-hop e defende a auto-representação do universo feminino nos espaços tradicionais e alternativos de mídia. É interessante notarmos o caso em que a própria representante de uma manifestação contra-hegemônica – o hip-hop – delata uma exclusão interna – o machismo – do movimento do qual faz parte: tal atitude significa uma rica auto-reflexão e realiza uma dupla denúncia, somente possíveis pela transversalidade que tem caracterizado os movimentos sociais da atualidade. Hoje as múltiplas vozes minoritárias (movimento gay, ecológico, mídia-livrista, feminista, racial etc.) realizam vigilâncias mútuas e acabam por escancarar as múltiplas opressões que afligem os diversos grupos sociais e que respingam até mesmo no interior dos movimentos contra-hegemônicos mais coesos.

A primeira mesa de debates teve como pauta central um dos mais importantes movimentos de mídia comunitária em nosso país: o das rádios comunitárias. A questão da implantação do rádio digital no Brasil foi o tema gerador da mesa, intitulada “Rádios comunitárias e Novas Tecnologias de Informação e Comunicação: desafios e oportunidades” e mediada pela coordenadora geral do LECC, Raquel Paiva. Graça Rocha denunciou o silêncio sistêmico da mídia hegemônica quanto às discussões sobre o processo de implantação do rádio digital no Brasil que, quando muito, foi tratado somente em seus aspectos técnicos em detrimento dos sociais e políticos. A ativista apontou também os perigos então iminentes da implantação de um sistema de digitalização (o americano Iboc) que poderia varrer as rádios comunitárias do dial, devido ao alto custo de implantação e da impossibilidade de redistribuição mais democrática do espectro eletromagnético.<sup>17</sup> As rádios comunitárias há anos atuam como autênticas porta-vozes das classes subalternas: sua exclusão do processo de digitalização significa a manutenção da mesma estrutura oligárquica que há anos caracteriza a comunicação massiva no Brasil.

Além da problemática da democratização da comunicação, a representação midiática estereotipada conferida às favelas e seus moradores também ocupou a preocupação dos integrantes da mesa. Jailson de Souza apresentou diversos resultados

---

<sup>17</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre o assunto cf. *Rádios comunitárias brasileiras e as novas tecnologias de informação e comunicação: tecnologia, regulamentação e poder*. Projetos Experimentais.com, v. 2, p. 4, 2008.





das pesquisas empreendidas pelo Observatório de Favelas, demonstrando que a mídia hegemônica, através de sutis e sub-reptícias mensagens discursivas, continua conferindo às classes pobres um perfil criminalizado e preconceituoso. Em sua análise, tal prática midiática, em última instância, serve para naturalizar o verdadeiro genocídio de jovens negros e pobres, que tem sido levado a cabo pela polícia e pelo tráfico de drogas nos subúrbios dos grandes centros urbanos.

Em seguida, foram formados dois grupos de trabalho compostos somente por alunos indicados pelos professores de Comunicação Comunitária de algumas Universidades cariocas, públicas e privadas. Os trabalhos dos alunos recém-graduados eram fruto de suas monografias de fim de curso e tratavam de diversas manifestações midiáticas comunitárias, sendo apresentados e debatidos junto com o público do vento. Através de votação aberta, os próprios alunos escolheram os dois trabalhos vencedores: “Publicidade social: um caminho para a comunicação participativa”, de Suelen Aguiar (Universidade Estácio de Sá) e “Rádios comunitárias: ampliando o poder de ação”, de João Paulo Malerba (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Os grupos de trabalho foram coordenados por Cristiano Henrique e Cristiane Costa, da ECO/UFRJ.

A segunda mesa de debates foi intitulada “Comunicação comunitária e as possibilidades de representação política” e mediada pelo professor Vitor Iório. Além da já citada de Dyonne Boy, o debate contou com a presença de Marcos Medeiros, do Planejamento da Petrobras, do professor e consultor do Terceiro Setor, Eduardo Murad e de Teodoro Koracakis, do Fundo de Financiamento de Estudos de Projetos e Programas do Ministério da Ciência e Tecnologia. O objetivo dessa mesa foi confrontar diferentes visões acerca do financiamento e da implementação de projetos sociais: terceiro setor, empresa e Estado foram representados pelos participantes do debate, cada qual levantando críticas e apontando soluções acerca da convivência entre comunidades, empresa e poder público.

O evento foi encerrado pelo professor titular da ECO e presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Muniz Sodré, lançando um olhar teórico sobre a Comunicação Comunitária. O autor defendeu o ativismo dos comunicadores populares em articulação com uma reflexão sempre renovada de sua práxis, destrinchando e problematizando alguns conceitos cruciais para a área. Dois deles se destacaram na fala do acadêmico: minoria e cidadania:

(...) se pretendemos reinterpretar o conceito de cidadania à luz de seu vigor originário, e não apenas como imagem de uma forma histórica,



será preciso contemplar a força política do termo, possivelmente na direção do conceito contemporâneo de “minorias” [...] cidadania, hoje, seria em resumo a voz de uma minoria enquanto dispositivo simbólico, com uma intencionalidade ético-política, dentro da luta contra-hegemônica (SODRE, 2007, p. 16).

Essa articulação dos conceitos de minoria e cidadania foi desenvolvida pelo autor no texto “Cidadania e voz minoritária”, que compõe o primeiro número da Revista do LECC. A publicação, na verdade, surgiu como um produto do II Encontro de Comunicação Comunitária do Rio de Janeiro e apresenta muitas das problemáticas levantadas no evento. Trata-se de uma coletânea de artigos com temas concernentes à Comunicação Comunitária e que serviu para documentar e divulgar tanto o II Encontro e seus frutos, quanto a produção acadêmica dos pesquisadores do LECC.

#### **IV – Terceiro Encontro de Comunicação Comunitária do Rio de Janeiro: comunicação, cultura e contra-hegemonia da teoria à prática.**

O III Encontro de Comunicação Comunitária do Rio de Janeiro foi realizado pelo LECC/UFRJ nos dias 07 (sexta-feira) e 08 (sábado) de novembro de 2008 no Campus da Praia Vermelha (dependências da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro) e na Comunidade do Alemão. Iniciado com um ciclo de palestras composto por três mesas-temáticas em diferentes horários da manhã e da tarde, a terceira edição do evento ampliou a interconexão entre teoria e prática, na medida em que proporcionou aos participantes, nos dois dias, experiências que envolviam tanto a cultura urbana contemporânea (apresentações musicais de MCs de funk carioca e outros ritmos brasileiros), o lançamento de livros de pesquisadores do LECC e oficinas que começaram na UFRJ e terminaram na Comunidade do Alemão.

Com relação às palestras, estas aconteceram no Auditório Anízio Teixeira do Campus da Praia Vermelha e foram realizadas no primeiro dia do encontro (sexta-feira, dia 07). Marcada para as dez horas da manhã, a primeira mesa-temática foi mediada pela professora Raquel Paiva, fundadora e atual coordenadora do LECC, e contou com os seguintes nomes: Muniz Sodré, professor titular da UFRJ e atual presidente da Fundação Biblioteca Nacional<sup>18</sup>; Adriana Facina, professora do departamento de História da UFF e criadora do *blog* Observatório da Indústria Cultural<sup>19</sup>; Cláudio Baltar, integrante da Intrépida Trupe<sup>20</sup>; e Jailson de Souza, coordenador-geral do Observatório

---

<sup>18</sup> Endereço eletrônico: <http://www.bn.br/portal/>.

<sup>19</sup> Endereço eletrônico: <http://oicult.blogspot.com/>.

<sup>20</sup> Endereço eletrônico: <http://www.intrepidatrupe.com.br/>



de Favelas<sup>21</sup>. Adriana Facina, cuja pesquisa de pós-doutoramento é sobre o funk carioca, apresentou um panorama da inserção deste elemento cultural do Rio de Janeiro contemporâneo nos setores econômico e político, discutindo o “Movimento Funk é Cultura”<sup>22</sup>, que busca mais espaços de divulgação para vertentes temáticas deste gênero musical que não circulam tão amplamente na mídia hegemônica, como o “funk consciente” (ou politizado). Cláudio Baltar apresentou a relação entre o trabalho da “Intrépida Trupe” e os elementos circenses que caracterizam a cultura popular em certas regiões do Brasil, articulando o teatro e a cultura regional através da gestualidade. Jailson de Souza discutiu a relação entre projetos comunitários e sua inserção na política pública oficial, relatando sua experiência no Observatório das Favelas e no Programa Bairro Escola<sup>23</sup>, da Prefeitura do município de Nova Iguaçu. O professor Muniz Sodré fechou a mesa, articulando, a partir dos discursos apresentados, as diferentes dimensões da cultura no espaço urbano, e a importância do “comunitário” como *locus* de pertença simbólica e construção da cidadania.

A segunda mesa estava marcada para as 13:00h, no mesmo local. Foi mediada pelo Professor Dr. Nemézio Amaral Filho (coordenador-estratégico do LECC) e contou com os seguintes nomes: Luciano Rocco, editor da revista Ocas<sup>24</sup>; Patrícia Saldanha, vice-coordenadora do LECC; Marcia Correa (Coletivo Intervozes<sup>25</sup> e BemTv<sup>26</sup>); e Marcello Salles, do jornal contra-hegemônico Fazendo Media<sup>27</sup>. Luciano Rocco apresentou sua experiência como editor da Revista Ocas, que trabalha diretamente com moradores de rua, sendo vendida por estes em pontos estratégicos de difusão cultural de grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Uma parte da revista é revertida diretamente para o vendedor/morador de rua e os temas abordados por ela remetem à construção da cidadania a partir da perda do preconceito, como resultado de uma abordagem mais aprofundada sobre temas sociais relevantes. Patrícia Saldanha relatou suas pesquisas a respeito do tema “publicidade comunitária”, tópico controverso no que se refere aos debates acadêmicos, mas que acentua a importância do “local” e do “comunitário” até mesmo nas relações econômicas da comunicação contra-hegemônica.

<sup>21</sup> Endereço eletrônico: <http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/home/index.php>.

<sup>22</sup> O manifesto deste movimento pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.observatoriodefavelas.org.br/userfiles/file/manifesto1.pdf>.

<sup>23</sup> Informações a respeito deste projeto podem ser acessadas no seguinte endereço eletrônico: <http://www.novaiguacu.rj.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=118&sid=20>.

<sup>24</sup> Endereço eletrônico: [www.ocas.org.br/](http://www.ocas.org.br/).

<sup>25</sup> Endereço eletrônico: <http://www.intervozes.org.br>.

<sup>26</sup> Endereço eletrônico: <http://www.bemtv.org.br/portal/index.php>.

<sup>27</sup> Endereço eletrônico: <http://www.fazendomedia.com/>.



Marcelo Salles relatou sua experiência como criador e editor do jornal independente Fazendo Media, que busca na discussão de temas fundamentais para a democratização da comunicação no Brasil uma posição contra-hegemônica ao criticar os grandes conglomerados da informação e a ilegalidade de certas práticas legitimadas pelos mesmos. Marcia Correa relatou sua experiência no Coletivo Intervezes e na BemTv. Se no primeiro a discussão segue na linha da democratização dos meios de comunicação social e discute políticas públicas para o setor, a BemTv atua na instauração de uma *praxis* de comunicação comunitária em determinadas localidades do município de Niterói.

A terceira mesa estava marcada para as quinze horas e trinta minutos, foi mediada por Eduardo Granja Coutinho (pesquisador do LECC) e contou com os seguintes nomes: Adailton Medeiros, do Ponto Cine<sup>28</sup>; Natália Fiche, coordenadora do Projeto Teatro na Prisão e professora da Unirio<sup>29</sup>; David Amen, integrante do grupo Raízes em Movimento<sup>30</sup>; e Carmen Luz, coreógrafa da Cia. Étnica de Dança<sup>31</sup>. Adailton Medeiros apresentou o Projeto Ponto Cine, mostrando quais são as dificuldades e resultados positivos decorrentes da manutenção de uma sala de cinema que fuja aos padrões do grande circuito, levando para a zona norte do Rio de Janeiro (em Guadalupe), filmes nacionais e estrangeiros com pouca divulgação nesta região. David Amen, estudante de comunicação social e morador do Alemão, relatou sua experiência de participar de um grupo (Raízes em Movimento) que busca na produção e difusão comunitárias das práticas culturais uma forma de construção da cidadania e uma alternativa de inserção social para jovens que residem na favela. Natália Fiche apresentou um relato sobre sua experiência como coordenadora do Projeto Teatro na Prisão, que mantém na Unirio há cerca de doze anos, e no qual utiliza o teatro como ferramenta para a ressocialização dos detentos da Penitenciária Lemos Britto. Carmen Luz apresentou sua experiência como coreógrafa da Companhia Étnica de Dança, atuando em trabalhos sociais em comunidades do Andaraí, zona norte do Rio de Janeiro.

Após as palestras, houve um coquetel de lançamento dos livros mais recentes dos seguintes autores: Raquel Paiva, Cristiano Henrique, Eduardo Coutinho e Bruno

<sup>28</sup> Endereço eletrônico: <http://www.pontocine.com.br/>.

<sup>29</sup> Mais informações a respeito deste Projeto podem ser acessadas em: <http://seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/viewFile/186/160>.

<sup>30</sup> Endereço eletrônico: [www.raizesemmovimento.org.br/](http://www.raizesemmovimento.org.br/).

<sup>31</sup> Mais informações a respeito deste grupo podem ser acessadas em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materias/0291.html>.



Fuser. Além da parte acadêmica, apresentações musicais ocorreram entre e após as palestras. No horário do almoço, no Sujinho<sup>32</sup>, foi realizada uma roda de funk carioca, com a presença dos MCs Júnior e Leonardo, que, juntamente com um DJ, apresentaram canções bastante conhecidas do gênero musical citado, além de canções de sua autoria ainda inéditas em registro fonográfico. No final do dia, durante o coquetel com o lançamento dos livros, apresentou-se a banda Favela Blue, cujo sonoridade é fruto da mistura entre samba, baião, rock e blues.

O segundo dia do III Encontro (sábado, 08/11) foi iniciado com um café da manhã organizado pelos bolsistas de iniciação científica do LECC. Logo após, foram realizadas as partes teóricas das seguintes oficinas: Jornal Popular, ministrada por Fernanda Pereira e Renata Souza; Cinema Radical, ministrada por Marcello Gabbay; e Rádio Livre, ministrada por João Paulo Malerba e Pablo Laignier. À tarde, após as explicações teóricas e o planejamento das atividades práticas, um ônibus da UFRJ levou os participantes das três oficinas para realizar este planejamento na Comunidade do Alemão, zona norte do Rio de Janeiro. A experiência de articulação entre favela e academia é lembrada positivamente pelos integrantes das oficinas e pode ser apontada como um avanço nos Encontros de Comunicação Comunitária promovidos pelo LECC, demonstrando a possibilidade de interlocução efetiva entre a universidade pública e outros espaços e setores da metrópole contemporânea. A articulação entre comunicação, cultura, contra-hegemonia e a presença de convidados cujas experiências seriam tanto do campo da teoria quanto da prática comunitária enriqueceu bastante as discussões desta edição do evento, que foi planejada com antecedência pelos integrantes do LECC e mobilizou estudantes, pesquisadores, professores, integrantes do LECCturas, entre outros.

### **Considerações finais.**

Diante da experiência acumulada ao longo dos últimos doze anos e, em especial, por meio do diálogo provocado pelos três Encontros descritos acima, o LECC caminha agora rumo à proposição de métodos mais adequados à pesquisa em Comunicação Comunitária, assim como à legitimação teórica desta como subcampo da Comunicação Social, procurando reforçar reflexões e intercâmbio nos congressos, encontros, seminários e demais eventos acadêmicos ou não.

---

<sup>32</sup> O Sujinho é um tradicional ponto de encontro de estudantes de graduação e pós-graduação do Campus da Praia Vermelha. Trata-se do local no qual, há décadas, estes estudantes sem encontram para almoçar, lanchar e/ou confraternizar após as aulas.



A reinterpretação de métodos já utilizados é um primeiro passo. Estamos ainda na área da pesquisa científica que pode ser realizada individualmente ou em grupos, mas que certamente percorrerá um caminho mais rápido na medida em que as trocas se fizerem mais intensas entre os estudiosos. Terminada esta etapa – que certamente poderá ser menos árdua tanto mais os movimentos populares estejam articulados e ativos -, estaremos diante do desafio da difusão e amplificação dos métodos (PAIVA, 2007).

Por isso, a questão da sistematização da pesquisa para o campo da Comunicação Comunitária é tão discutida no LECC que funciona como um lugar que congrega estudantes de graduação, pesquisadores de pós-graduação, que se interessam em pesquisar a temática, ativistas sociais, membros dos movimentos comunitários, professores, entre outros. Além disso, o Laboratório produz material pedagógico impresso, *on-line* e realiza análises críticas e analíticas de tudo que possa servir de fundamento ou de dado para pesquisas do subcampo da Comunicação. Complementarmente, o LECC dispõe de uma vasta biblioteca formada por um acervo que inclui livros, jornais, materiais acadêmicos como monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado não só da UFRJ, como também, de outras Universidades.

Dessa maneira, além de funcionar como centro de reflexão e de estudo (por meio do *Lecturas*, grupo de estudos que apresente o presente artigo), realiza eventos de pequeno porte e de grande porte, como os Encontros de Comunicação Comunitária em questão. Todos são abertos à comunidade acadêmica e para qualquer um que esteja interessado em contribuir com tão valiosa iniciativa que tem como próxima meta se institucionalizar.

“Desde a primeira república, o Brasil deixa a educação básica de lado para cuidar das elites, priorizando a universidade. Infelizmente, a educação básica nunca foi a prioridade das prioridades”<sup>33</sup>. Por isso, o LECC tem tanto sentido como centro de investigação, pois além de considerar os movimentos universitários, organizacionais (públicos ou privados) e comunitários, dá igual destaque aos movimentos reais providos da capacidade de vivência da comunicação comunitária e, conseqüentemente, de transformação.

Assim, em contraponto à ação planificadora dos aparelhos de hegemonia privados e, particularmente, do poder avassalador dos meios de comunicação na obtenção do consenso, a questão teórica crucial de Gramsci - *O que torna a civilização burguesa tão resistente?* – dá lugar a uma outra de enorme relevância político-prática: “O que se pode contrapor, por parte de uma classe inovadora a esse complexo

---

<sup>33</sup> <http://cienciahoje.uol.com.br/view/3152>.



formidável de trincheiras e fortificações da classe dominante?”. E é ele próprio quem responde: “O *espírito de cisão*, a conquista progressiva da consciência da própria personalidade histórica” (GRAMSCI, 1999, p. 78).

Sabendo que as ações de comunicação comunitária ocupam, hoje em dia, o papel de promotoras de uma fala politizada e autônoma nas brechas deixadas pelo sistema hegemônico de comunicação, delineia-se aqui o cenário latente e propício à sedimentação teórica da Comunicação Comunitária, no intuito de estimular a reflexão e a produção acadêmica, *strictu* e *latu senso* no Brasil e, em consequência e complementarmente, estimular a promoção de políticas públicas e ações de base, bem como novas parcerias entre Universidade e comunicadores populares, na busca por condições práticas mais favoráveis e democráticas.

### Referências bibliográficas

COUTINHO, E. G. (org). **Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência.** Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere** (v. 2). Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

MALERBA, J.P.C. **Rádios comunitárias brasileiras e as novas tecnologias de informação e comunicação: tecnologia, regulamentação e poder.** Projetos Experimentais.com, v. 2, p. 4, 2008.

PAIVA, R. **O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo.** Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Para reinterpretar a comunicação comunitária, In: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

PAIVA, R. e SANTOS, C. H. (orgs.). **Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa.** Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

SODRÉ, M. **Cidadania e voz minoritária.** Revista do LECC, ano I, nº 1, vol. 1, Janeiro/Fevereiro de 2007.